



GT 023. Antropologia, gênero e saúde no contexto neoliberal e neoconservador no Brasil: desafios e estratégias de enfrentamento

Rozeli Maria Porto (UFRN) - Coordenador/a, Mônica Franch (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

Nas últimas décadas, o avanço na pesquisa antropológica sobre as articulações entre gênero, saúde e sexualidade tem evidenciado problemáticas importantes no campo dos Direitos Humanos e fundamentais. Reflexões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e homens, em suas várias orientações de gênero e sexualidade, têm provocado aos pesquisadoras em um campo moral a pensarem no entrecruzamento desses direitos com diferentes marcadores sociais da diferença. Essas questões se tornam urgentes num contexto hodiernamente sombrio no país, marcado pela implantação de um projeto econômico e socialmente excludente, que está levando ao desmonte de políticas públicas de saúde. Os direitos relativos ao aborto, ao parto humanizado, o acesso a serviços de saúde para travestis e transexuais ou, ainda, a prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV/Aids, estão cada vez mais ameaçados diante de tais circunstâncias. Frente aos desafios impostos por esse contexto neoliberal e neoconservador, a proposta deste GT é refletir sobre as estratégias teóricas, metodológicas e políticas que estamos desenvolvendo no cotidiano de nossas pesquisas em torno das questões de gênero, saúde e sexualidade. Podem girar em torno de temas como maternidade, aborto, HIV/Aids, Tec. Reprod., diversidade sexual e transexualidade, e suas articulações entre gênero, classe, raça, etc; relações e/ou conflitos com o Estado; fluxos de poder, influências políticas, morais e/ou religiosas.

Gênero e saúde em contexto de duplo fazer: as respostas ao Zika vírus no Brasil

Autoria: Jonatan Jackson Sacramento, Maria Conceição da Costa

O objetivo do work é pensar em como as respostas coletivas à epidemia de Zika vírus e a microcefalia à ela associada estão marcadas por gênero. Tomando aquilo que algumas autoras estão chamando de "duplo fazer" entre gênero e processos de Estado (Vianna; Lowenkron, 2017) e de "idioma de coprodução" entre ciência, sociedade e Estado (Jasanoff, 2004), argumentamos que tais respostas estão motivadas por entendimentos de gênero, do que é ser mulher, mãe, entendimentos sobre masculinidades e feminilidades, ao mesmo tempo em que estão produzindo tais imaginários. Partindo da análise das ações de dois atores sociais específicos, o Ministério da Saúde e a ONG Instituto Anís, entre os anos de 2015 e 2016, pretendemos demonstrar como a demanda e a construção de políticas públicas em torno do Zika vírus vem sendo agenciada por diversos atores sociais.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

